

FOLHA LITERÁRIA

Informativo da Fundação Pedro Calmon e da Empresa Gráfica da Bahia n.º 09 - Ano 01 / 12 de agosto de 2007

Irmandade da Boa Morte

Fé e Resistência de mulheres negras

Foto: Damário Dacruz



Irmãedade

*Para as Mulheres da
Irmandade da Boa-Morte*

Doce Mãe
do peito
libertado,
negra força
do querer.

Doce Mãe
do caminho
iluminado,
negra ausência
do temer.

É barro
é bossa
é búzio
é bode
é bumba-meu-boi.

É cana
é carne
é colo
é cor
é canto que não foi.

É mama
é mami
é mainha
é mãe
presa em mim.

Damário Dacruz

DESTAQUES

**Irmandade da Boa Morte:
uma perspectiva museológica**
Pág. 2

**Para as Irmãs: versos e
prosas**
Pág. 3

**Revolta dos Búzios é
tema de seminário**
Pág. 4

Editorial

Ubiratan Castro de Araújo

Diretor Geral da Fundação Pedro Calmon

É noite de 14 de agosto. Senhoras negras, mais que septuagenárias, carregam em procissão a Virgem Morta pelas ruas da cidade de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira. Fazem vigília do seu corpo, com devoção. Esta é a Nossa Senhora da Boa Morte. Alvorece o dia 15 de agosto, as velhas senhoras celebram em missa e procissão a Senhora Imaculada que subiu aos céus em corpo e alma. Esta é a Nossa Senhora da Glória. Mais do que ninguém, elas revivem o mistério da Assunção, a sacralização da humanidade no corpo de uma mulher.

Senhoras mais que septuagenárias, Mães Negras de um povo submetido ao cativeiro, celebram a aliança indissolúvel com a Mãe Branca do próprio Deus, para o alívio do sofrimento de todos os africanos e seus descendentes no Brasil e para a alforria da escravidão. Entre mulheres, elas celebram o rito da negociação para a liberdade.

Mais que septuagenárias, as Yás queridas do povo da Cachoeira reafirmam a convivência perfeita entre a preservação do culto ancestral nas comunidades religiosas de matriz africana, das quais elas são zeladoras, e o culto católico à Virgem Maria na Venerável Irmandade da Boa Morte. Deste modo, estas senhoras demonstram a possibilidade da superação de todas as formas de intolerância religiosa. É o mistério da dupla pertença.

Neste número da Folha Literária, homenageamos as Veneráveis Irmãs da Boa Morte através de textos da lavra de intelectuais cachoeiranos e cachoeiranas.

Salve a Boa Morte da Cachoeira!

Foto: Carol Queiroz



IRMANDADE DA BOA MORTE: UMA PERSPECTIVA MUSEOLÓGICA

De Joseania Miranda Freitas¹ e Luzia Gomes Ferreira²

A Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, composta unicamente por mulheres negras, a partir dos 40 anos de idade, geralmente adeptas do Candomblé, funciona atualmente na cidade de Cachoeira, que se localiza no Recôncavo Baiano. De acordo com os dados históricos, essa instituição foi criada, possivelmente, em princípios do século XIX, na Igreja da Barroquinha, em Salvador. A Irmandade teve como objetivos, desde sua criação e ainda hoje, a devoção e o culto a Nossa Senhora, a prática de empréstimos e auxílios financeiros, as doações e, em caso de falecimento das associadas, a responsabilidade pelos rituais do sepultamento; no período escravista, realizava a compra de alforrias para os escravizados.

É possível afirmar que no Brasil, devido ao contexto sócio-histórico, as mulheres negras foram as grandes responsáveis pela manutenção da maioria das práticas culturais de matriz africana, driblando regras estabelecidas dentro da sociedade brasileira que insistiam, e ainda insistem, em colocá-las numa *situação de invisibilidade*. A Irmandade da Boa Morte, ao longo dos tempos, vem contribuindo para a manutenção de elementos da memória afro-brasileira, seja através de registros ou pela oralidade, pelos trabalhos desenvolvidos com a comunidade ou com as próprias irmãs.

Considerar a Irmandade da Boa Morte como patrimônio cultural afro-brasileiro é compreendê-la a partir da dinâmica da materialidade-imaterialidade, seja dentro ou fora da instituição museu. É importante não perder de vista que a Irmandade, nos seus quase duzentos anos de existência, tem conseguido *preservar* traços relevantes da cultura afro-brasileira, utilizando para tanto argumentos teórico-metodológicos não reconhecidos oficialmente. Com base nas categorias museológicas, é possível estabelecer relações que possam abarcar as formas de conhecimento historicamente construídas e reconstruídas pela Irmandade.

O conceito de *preservação* aqui proposto busca considerar a dinâmica sócio-cultural da instituição a partir da sua própria vivência. O projeto de Ações Afirmativas Museológicas busca dar visibilidade e reconhecimento às *ações preservacionistas* que, baseadas na memória ancestral, a Irmandade tem desempenhado na sua trajetória. A inclusão desta temática no Museu Afro-Brasileiro vem responder a uma histórica *invisibilidade* das questões étnico-raciais nas instituições oficiais e tradicionais de memória.

Ainda que a Irmandade da Boa Morte não seja reconhecida como um patrimônio pelos órgãos oficiais de políticas públicas para salvaguarda do patrimônio, reconhecê-la como um dos patrimônios afro-brasileiros passa pelo reconhecimento do trabalho secular de mulheres que souberam, e continuam sabendo, negociar com os mecanismos que a sociedade colonial e contemporânea lhes oferece.

¹ Coordenadora do projeto de pesquisa "Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte: uma perspectiva museológica e de gênero". Professora do Departamento de Museologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) e da Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Pesquisadora do Museu Afro-Brasileiro (MAFRO/CEAO/UFBA).

² Graduanda do curso de Museologia da FFCH / UFBA. Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/CNPq) no projeto de pesquisa "Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte: uma perspectiva museológica e de gênero".

O SEGREDO DA BOA MORTE

Por Manoel Passos Pereira*

Não existe nenhuma documentação escrita que comprove a origem da Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte da Cachoeira. Ela surgiu no período da escravatura no Brasil. A irmandade é uma confraria composta somente de mulheres negras, inicialmente nascidas nas senzalas. São descendentes de negras alforriadas que vieram da África para realizar o trabalho compulsório.

As irmandades eram associações corporativas que desenvolviam no seu interior um conjunto de ações que as levavam a atingir status, identidade e comunhão.¹ Eram formadas normalmente por leigos, mas para que funcionassem era preciso encontrar uma igreja que as acolhesse ou que construíssem a sua e, principalmente, ter aprovado seu estatuto ou compromisso pelas autoridades eclesiásticas.²

Tais Compromissos, além de regularem a administração das irmandades, também estabeleciam outras regras normativas para os membros. Estabeleciam a condição social ou racial exigida dos sócios, seus deveres e direitos. Entre os deveres, destacam-se o bom comportamento e a devoção católica, o pagamento das anuidades etc. Quanto aos direitos, estavam a assistência médica e jurídica, ajuda financeira, em alguns casos, ajuda para compra da alforria, enterro para as componentes da irmandade e sua família e sepultura na capela da irmandade.³ Portanto, o Termo de Compromisso caracterizava-se como uma espécie de certidão de nascimento da irmandade, que garantia a formalização de sua existência.

É oportuno o questionamento do caráter jurídico da Boa Morte. Será que era realmente uma irmandade, ou não passou de uma associação? Um Pai de Santo da Nação Jeje Harim, Marcilino Gomes de Jesus, afirma que a Boa Morte, desde o seu nascimento, foi uma associação de mulheres alforriadas que cultuavam Nossa Senhora da Boa Morte.⁴ Não existe nenhuma documentação escrita que comprove a origem ou mesmo a tradição da irmandade, pois toda gama de conhecimento é essencialmente oral, passado de geração a geração. Hoje a irmandade conta com um universo de 23 associadas. São elas que detêm o conhecimento acerca da confraria.

Existem informações que não são transmitidas para o público em geral, são conhecimentos restritos às componentes da Irmandade. Este conjunto de conhecimentos velados é denominado entre elas como "Segredo da Boa Morte". Alguns historiadores acreditam que este segredo está associado ao sincretismo religioso, como é o caso de Luiz Cláudio Nascimento;⁵ no entanto, a Juíza Perpétua, D. Estelita, nega: "Na parte da Irmandade, não temos nada dentro da Irmandade que pertença ao Candomblé. Agora, é o seguinte: a maioria daqui de nós, a maioria participa do Candomblé".

"Então, cada qual tem seus preceitos, mas nas suas casas. Mas aqui dentro não tem nada que pertença ao candomblé. (...) Então, cada qual tem seu fundamento, lá dentro da sua casa. Mas, dentro da seita do candomblé é a parte religiosa e o samba. A única coisa que pertence aqui, que o povo faz, porque cai nessa data, que essa festa toda vida foi dia 15 e 16, são flores do Velho (pipocas para Abaluaê). Todo ano se torra (milho), quando a festa chega se recebe, se divide com o povo, porque acompanha Nossa Senhora, é assim que se faz".⁶ No entanto, há irmãs que confirmam a existência do sincretismo religioso durante os festejos na Capela da Santa. Hoje, os festejos em louvor à Nossa Senhora da Boa Morte é uma celebração das mulheres, não só das negras, mas de todas, sem fronteiras ou cores, com o duplo pertencimento da benção de Iemanjá e de Santa Maria.

* Manoel Passos é historiador.

¹ REIS, João José. *A Morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*; p.55.

² Idem. p.49.

³ Idem. p.49-50.

⁴ JESUS, Marcelino Gomes de. Depoimento. Entrevista realizada por Manoel Passos Pereira em 08/09/1987.

⁵ NASCIMENTO, Luiz Cláudio. *O Candomblé na Boa Morte*. Cachoeira: Fundação Maria América da Cruz, 1999.

⁶ SANTANA, Estelita de Souza. Depoimento. Entrevista realizada por Manoel Passos Pereira em 02/08/1987.

Para as Irmãs: Versos e prosas

Passeio Interior

a Mônica Vargas, Iaromila

João de Moraes Filho*

A noite em agosto
não é mais aquela estreita e
quieta
das ruas desconfiadas
daquela infância.
Não há janelas seminuas
nem boa morte de segredos
adulterados.

Parte de mim
um trem com destino ao
sertão daquele rio
que já não me possuí.

Outra parte me retalha
nesses paralelos de chão
espalmados
que cortam em cruz
a Rua da Matriz
e a casa de n.º 13.
Se tivermos sorte,
haverá tempo para o
amanhecer.

*Autor de Pedra Retorcida: Prêmio Braskem de Cultura e Arte / Poesia, 2004. Coordenador da Ong. Casa de Barro Ações Culturais. Representante legal no Brasil do Festival Internacional de Poesia de Cartagena de Índias, Colômbia.



Foto: Carol Queiroz

Irmãs velam Nossa Senhora



Foto: André Santana - ASCOM/FPC

Narcisa Cândida da Conceição, Mãe Filhinha, 103 anos: mais de meio século de Irmandade

Historiar

Fábio B. Pereira*

O *heróico* encerra o apogeu de outras gerações. A essa mocidade vibrante e altaneira resta convocar o tempo com seus próprios clarins. Resta recarregar os canhões com seus sonhos de paz... Rasgar a ponte entre os dedos e beber o Paraguaçu em goles de poluição.

O santo não é de Plástico. Se tanto revolvemos o passado é porque não nos resolvemos por inteiro: praça, gente, cidade.

Na Ordem Terceira do Carmo tem um quarto escuro, onde muletas e milagres antigos se guardam no canto empoeirado da gratidão. As fotos ali guardadas são a prova da graça: fé, lamentos e orações.

A fé prevalece porque precisamos de uma Matriz. Talvez mais do que isso: há de se precisar de uma Boa Morte, de uma fé que atravesse multidões de séculos e se exponha inteira e ressurrecta: mística, mítica e miscigenada.

A história se repete porque, ávidos por Tranquilinos e Soledades, projetamos no presente não mais do que a água é: *correnteza para longe da sua nascente*.

Não havemos mais de fazer Neo sincretismo, isso não é Universal.

Não havemos mais de nutrir ódio aos lusitanos e por isso procuramos uns aos outros.

Nossa elite se mistura e se dilui no caldo que mais a identifica: a morbidez da cobiça.

No beco da morte, os bêbados a embebedar a existência filosofam em versos a música que escapou da pena do Poeta.

*Fábio é historiador, músico, compositor e produtor cultural. Um pesquisador incansável de sua terra: Cachoeira.

13 de agosto

Carine Araújo*

Era uma noite fria e escura, porque era agosto. Ela vestia-se com esmero, como fazia há tempos, só que dessa vez sob os olhos inspetores da neta. O medo de que as tradições se perdessem estava nítido no espelho quando ela se mirava adornada. Griô que era, precisava transmitir seus conhecimentos adquiridos com a mãe e que a mãe aprendera com a avó e esta com a bisavó e aquela com... Eram irmãs.

A noite não tinha lua, mas o tapete luminoso já se espalhava ladeira D'Ajuda abaixo. Ela nem lembrava mais qual era o aspecto que se tinha daquela procissão branca e iluminada, tanto tempo fazia que se tinha incorporado a ela. De cima, os casarões avistavam as romeiras sem discernir de qual geração se tratava, mas cientes de que a santa – que ali ia deitada como que morta – dias depois, de pé e ressurrecta, traria alegria àquelas vestes e rostos.

Os olhares se voltavam para o cortejo silencioso e os sobrados debruçavam-se por sobre as ruas “cabeças-de-nego” por onde aquelas mulheres passavam espalhando seu passado. As línguas se misturavam, admiradas, como numa Babel, registrando em clicks e “oh!” o ritual único.

As famílias que o ano inteiro cuidavam de suas senhoras fracas e acarretadas de doenças (“um reumatismo, minha filha!”; “artrose, ó paí, não consigo nem fechar os dedos!”; “uma dor nas cadeiras!”) refletiam sobre aquela mudança repentina: os rostos desfigurados pela morte de sua Senhora, os ritos sagrados e secretos a portas fechadas que elas insistiam em negar, a vitalidade e o deboche que reinava no samba-de-roda madrugada adentro. Quem eram aquelas mulheres? Quem eram aquelas mulheres! Quem eram aquelas mulheres...

Na frente do cortejo vinha ela. Pensava na novela que tinha acabado de começar. Será que era hoje que se ia descobrir a armação que fizeram para o casal? Pensava no pé apertado dentro do sapato: faltavam ainda tantas ruas! Pensava no mundaréu de gente que se avolumava para vê-las desfilar pelas ruas. Pra onde levariam aquelas imagens? Seu mundinho de fama... Bem que podiam levá-la para falar sobre a irmandade, passear um cadinho, seria muito bom, conhecer lugares!

Pensou em quanto era sozinha: depois que os pais se foram para sempre, os pais que lhe ensinaram tudo quanto era. Depois que os filhos se foram cada um trilhar seu destino e o próprio destino tornou a vir buscar aqueles que com ela ficara... “Valha-me, Nossa Senhora da Boa Morte! O que será de mim sozinha nesse caminhar tão longo? Meus pés doem, meus desejos já não encontram tempo para se realizar e meus olhos esmorecem: é tarde e tudo está escuro...” A chama da vela clareou dois olhinhos que a observavam enquanto caminhava: estava jovem e nela os pés não doíam e os olhos permaneciam sagazes. A neta que andava com ela passo-a-passo apertou forte a aba de seu vestido e procurou

Procissão

*A imagem vai seguindo
Entre casarões dourado-
desbotados
E os milagres
(Pecados?)
Vão ficando no caminho
Como num quadro de
Rony Bonn.*

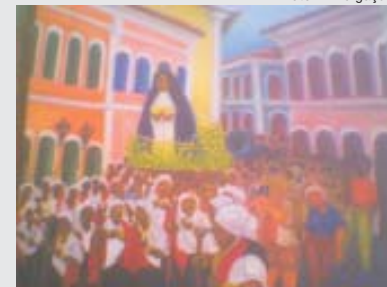


Foto: Divulgação

sua mão. Dentro dela algo se acalmou como águas que depois de agitadas pelo vento litorâneo encontram o sossego da brisa...

Era chegada a hora de entoar os hinos em louvor a Nossa Senhora da Boa Morte. Olhou para o lado direito. A neta apertava-lhe a mão. No lado esquerdo viu aproximar-se a mãe, a irmã, a avó, a bisavó e toda sua geração de mulheres negras e guerreiras que tinham fundado e transmitido aquela tradição. Cantou fervorosamente a liberdade conquistada ainda hoje a cada dia. Cantou os meios encontrados de manter vivos seus rituais. Cantou a força dos ancestrais e a coragem de mulheres valentes. Cantou sua Senhora que ressuscitaria garantindo-lhes uma boa morte e uma vida razoável. Cantou uma tradição que, como dizia sua “mãe”, não evolui. Cantou. E cantando esqueceu que em suas mãos o toco de vela ameaçava queimar-lhe os dedos.

*Carine Araújo é poetisa e escritora. Produtora Cultural e estudante de jornalismo, essa muritibana foi acolhida por Cachoeira e hoje é gestora do Ponto de Cultura Terreiro Cultural.

Acontece

Parceria garante preservação do Arquivo Público de Cachoeira

Foto: Manu Dias - AGEKOM



Assinatura de Convênio ocorreu na Igreja Matriz

Um termo de Convênio assinado no dia 27/07 entre a Fundação Pedro Calmon e a Prefeitura de Cachoeira garantirá a preservação, catalogação e organização do acervo do Arquivo Municipal, com a transferência da gestão para a Fundação. A assinatura ocorreu na mesma solenidade em que o IPHAN entregou à cidade prédios reformados através do Programa Monumenta, incluindo a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário e o Arquivo Municipal, que funcionará na casa onde nasceu o jurista Teixeira de Freitas. As autoridades presentes, incluindo o governador Jaques Wagner e o Prefeito da cidade, Fernando Antônio da Silva (Tato), destacaram a importância do Arquivo, que possui documentos do período colonial e imperial, como correspondências do presidente da província, atas da Assembléia Legislativa, testamentos, inventários, fotos, entre outros.

“A Fundação colaborará com a assistência técnica necessária para uma estrutura adequada e um índice de consulta qualificado para o acesso do público ao valioso acervo que conta a história do Brasil”, explicou Wlamyra Albuquerque, diretora de Arquivos da Fundação Pedro Calmon.

Livro e Cultura no Baixo Sul

A Caravana de Leitura já passou pelos municípios de Cairu e Valença, levando escritores, poetas arte-educadores e professores para as ruas e escolas dos municípios baianos. A Caravana integra o projeto Pontos de Leitura, que tem o intuito de promover o livro e a leitura, ação integrada ao **Plano de Desenvolvimento Territorial da Cultura**. Livros e artes mobilizaram mais de 400 habitantes nos dois municípios.

Fotos: Jamile Menezes - ASCOM/FPC

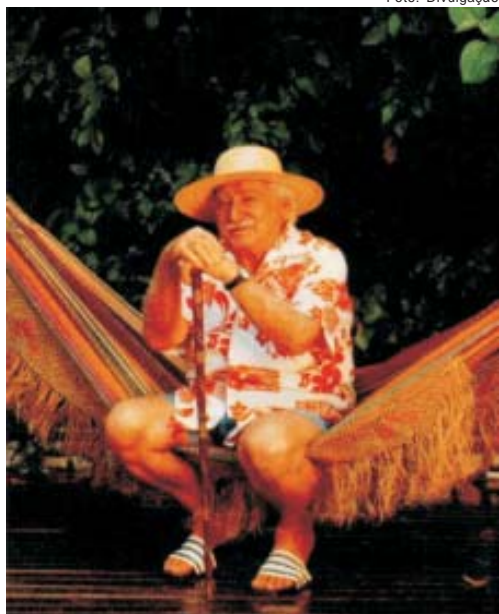


Jovens dão show de talento e beleza na Caravana de Valença (4 e 5/8).

Jorge, o Escritor Amado

A Fundação Pedro Calmon e a Fundação Casa de Jorge Amado preparam uma homenagem ao escritor Jorge Amado, no mês em que ele completaria 95 anos. Além de uma exposição bibliográfica durante todo o mês na Biblioteca Juracy Magalhães Jr. (Rio Vermelho), e uma Folha Literária Especial sobre o autor, estão sendo organizadas mesas redondas, dentro do Projeto Memória do Desenvolvimento da Bahia, para discutir a importância política das obras de Jorge Amado. Acompanhe a programação em nosso site: www.fpc.ba.gov.br

Foto: Divulgação



Cidades Baianas ganham Bibliotecas

Fotos: André Santana - ASCOM/FPC

A Comunidade de Salinas da Margarida, município litorâneo a cerca de 270km de Salvador, comemorou no último dia 27/07 a inauguração da primeira biblioteca pública da cidade, em meio às comemorações pelos seus 45 anos de emancipação. O prédio que hoje abriga a Biblioteca Prof. Jurandir de Araújo Costa foi totalmente reformado pela Prefeitura, recebendo climatização, salas de informática com micro-computadores, videoteca para exibição de filmes, espaço para a literatura infantil e recreação, salas de pesquisa, leitura e empréstimos, com um acervo de mais de 2.200 exemplares. O acervo foi organizado através da parceria entre a Prefeitura do Município, a Fundação Pedro Calmon e o Programa Livro Aberto do Ministério da Cultura, e reúne livros didáticos, literatura mundial, brasileira e baiana, história e geografia da região, entre outras obras. As próximas cidades que terão bibliotecas públicas implantadas são Conde e Brotas de Macaúbas.



Acervo de Salinas tem mais de 2.200 exemplares

Revolta dos Búzios é tema de exposições e palestras

Os aspectos históricos e políticos da Revolta dos Búzios ou Conspiração dos Alfaiates, ocorrida na Bahia em 1798, e sua importância para a sociedade baiana, serão temas de duas mesas redondas realizadas pela Fundação Pedro Calmon nos dias 24 e 27 de agosto, às 17h, no Palácio Rio Branco, reunindo especialistas e pesquisadores de um dos mais importantes movimentos de inspiração libertária do século XVIII. **Veja a programação:**

Foto: Reprodução do Quadro "Interrogatório" (Floriano Teixeira)



- Dia 24, “**Revolta dos Búzios: 209 anos de História**”, com o Prof. Dr. István Jancsó e a Prof.ª. Dra. Marli Geralda;
- Dia 27, “**A Conspiração dos Alfaiates: Um texto teatral**”, com a dramaturga e Prof.ª. Dra. Cleise Mendes e o diretor teatral e Prof. Paulo Dourado.

As mesas serão mediadas pelo Prof. Dr. Ubiratan Castro. As inscrições são gratuitas e podem ser feitas pelo tel.: 3116-6923. Além das mesas redondas, as bibliotecas públicas realizarão palestras gratuitas sobre a Conjuração Baiana, com a participação de pesquisadores e professores. **Veja a programação:**

BIBLIOTECA PÚBLICA THALES DE AZEVEDO (Costa Azul)

“A Conjuração Baiana de 1798”

- Palestrante: Maria José de Souza Andrade - Dia 9, às 15h30;

BIBLIOTECA PÚBLICA DO ESTADO DA BAHIA (Barris)

“A política dos homens de cor no tempo da Independência”

- Palestrante: Prof. Dr. Ubiratan Castro - Dia 13, às 15h;

Um Sonho de Liberdade - A exposição traz 48 imagens do fotógrafo José Martiniano, retratando os acontecimentos da Conjuração Baiana - Local: Foyer - De 7 a 31, das 8h30 às 21h;

BIBLIOTECA JURACY MAGALHAES JÚNIOR (Itaparica)

“Revolução dos Alfaiates”

- Palestrante: Augusto Albuquerque - Dia 15, às 10h30;

BIBLIOTECA JURACY MAGALHAES JÚNIOR (Rio Vermelho)

“Conjuração Baiana”

- Palestrante: Eneida Almeida Cavalcante - Dia 15, às 15h.